



DEVIR-DE-FORA: O PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO NO TORNAR-SE ESTRANGEIRO

DEVENIR DESDE FUERA: EL PROCESO DE SUBJETIVACIÓN PARA CONVERTIRSE EN EXTRANJERO

BECOMING-FROM-OUTSIDE: THE PROCESS OF SUBJECTIVATION IN BECOMING A FOREIGNER

Iara de Oliveira Gomes Furusawa¹

RESUMO: Existem pilares na subjetivação enquanto um processo. Estes são efeitos e conceitos que percorrem esse fluxo promovendo sua sustentação, subjetivar é movimentar e dinamizar. No caso de uma filosofia da diferença, o que pode ser pensado como um suporte desse processo é o desejo, um desejo que compreende excesso no lugar da falta, expansão no lugar de um vazio e remanescência no lugar de uma angústia frente a eterna e dilacerante incompletude. Percebendo então a subjetivação enquanto processo é válido questionar como esse dinamismo se dá à medida que o indivíduo torna-se estrangeiro, a desterritorialização assim como a reterritorialização correspondem para além de um processo de deslocamento do corpo, mas promovem um deslocamento na maneira em que os fluxos desejanos se exprimem, ou seja, transforma-se (devir) a maneira de desejar (de fora). Para estruturar essa compreensão da subjetivação enquanto processo, nos cortes dos fluxos desejanos e nas experiências de um corpo nesse contexto de desterritorializar e reterritorializar trabalha-se com as obras de uma filosofia da diferença e/ou esquizoanálise, colocando em pauta uma maneira outra de experimentar os acontecimentos. Dessa forma, pensar a figura do migrante sob a perspectiva do seu processo de subjetivação é produzir uma crítica que vai muito além das análises já tão familiarizadas a esse campo que é psicologia.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetivação; Estrangeiro; Devir; Esquizoanálise; Filosofia da diferença.

RESUMEN: Hay pilares en la subjetivación como proceso, hay efectos y conceptos que recorren este flujo promoviendo su soporte, subjetivizar es mover y dinamizar. En el caso de una filosofía de la diferencia, lo que se puede pensar como soporte de este proceso es el deseo, un deseo que comprende exceso en lugar de carencia, expansión en lugar de vacío y remanente en lugar de angustia frente a la eternidad. y lacerante incompletitud. Por tanto, al percibir la subjetivación como un proceso, es válido cuestionar cómo se da este dinamismo a medida que el individuo se convierte en extranjero, la desterritorialización así como la reterritorialización corresponden a un proceso de desplazamiento del cuerpo, pero promueven un desplazamiento en la forma en que fluye el deseo. se expresan, es decir, la forma de desear (desde fuera) se transforma (devenir). Para estructurar esta comprensión de la subjetivación como proceso, en los recortes de flujos deseantes y en las vivencias de un cuerpo en este contexto de desterritorialización y reterritorialización, trabajamos con los trabajos de una filosofía de la diferencia y / o esquizoanálisis, poniendo en la agenda otra forma de vivir los eventos. Así, pensar la figura del migrante desde la perspectiva de su proceso de subjetivación es producir una crítica que va mucho más allá de los análisis ya tan familiarizados en este campo de la psicología.

PALABRAS CLAVE: Subjetivación; Extranjero; Convirtiéndose; Esquizoanálisis; filosofía de la diferencia

ABSTRACT: There are pillars in subjectivation as a process, they are effects and concepts that run through this flow promoting its support, subjectifying is moving and dynamizing. In the case of a philosophy of difference, what can be thought of as a support for this process is desire, a desire that comprises excess in place of lack, expansion in place of emptiness, and remnant in place of anguish in the face of eternal and tearing incompleteness. Therefore, perceiving subjectivation as a process, it is valid to question how this dynamism occurs as the individual becomes a foreigner, deterritorialization as well as reterritorialization correspond to a process of displacement of the body, but promote a displacement in the manner where the desiring flows are expressed, that is, the way of desiring (from outside) is transformed (becoming). To structure this understanding of subjectivation as a process, in the cuts of desiring flows and in the experiences of a body in this context of deterritorializing and reterritorializing, we work with the works of a philosophy of difference and/or schizoanalysis, putting on the agenda another way to experience events. Thus, thinking about the figure of the migrant from the perspective of his subjectivation

¹ Acadêmica de Psicologia pela Universidade de Vassouras; acadêmica de Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. iarafurusawa7@gmail.com



process is to produce a critique that goes far beyond the analyzes that are already so familiarized in this field of psychology.

KEYWORDS: Subjectivation; Foreign; Becoming; Schizoanalysis; Philosophy of difference.

1 INTRODUÇÃO

Dentro das possibilidades de se trabalhar em psicologia encontra-se uma abordagem chamada esquizoanálise. “Abordagem” é um termo mais voltado para seu fim didático e acadêmico e, essa forma de análise, a esquizoanálise, tem sua expressão cunhada por Deleuze e Guattari (1972) em suas produções na série Capitalismo e Esquizofrenia: O Anti-Édipo e Mil Platôs. Os autores trazem maneiras outras de aproximação e compreensão da realidade, criam conceitos mutantes e tecem algumas críticas que podem ser sintetizadas a partir do prefácio de O Anti-Édipo escrito por Michael Foucault:

O Anti-Édipo mostra, para começar, a extensão do terreno ocupado. Porém, ele faz muito mais. Ele não se dissipa na difamação dos velhos ídolos, mesmo se divertindo muito com Freud. E, sobretudo, nos incita a ir mais longe... Eu diria que o Anti-Édipo é um livro de ética, o primeiro livro de ética que se escreveu na França depois de muito tempo... Prestando uma modesta homenagem a São Francisco de Sales, se poderia dizer que o Anti-Édipo é uma Introdução à vida não fascista. (FOUCAULT, 1972).

É dessa análise dos agenciamentos que a esquizoanálise parte, pensa os grupos minoritários e os avanços de políticas fascistas e como essas políticas despotencializam a vida, constroem forças reativas que asseguram uma permanência da tirania. Um dos modos reativos de buscar os agenciamentos é justamente na possibilidade de construir títulos e pregar indivíduos em normas identitárias, a partir desse ponto, considera-se o indivíduo migrante como esse portador de título. O objetivo dessa análise é pensar como se afirma o processo de subjetivação do sujeito-migrante, como entender, a partir de um olhar esquizoanalítico as engrenagens que movem e possibilitam o processo de subjetivação de um corpo que é tachado enquanto minoria-marginal.

Além disso, é necessário pensar sobre como os devires-minoritários se expressam (visto que é um tópico essencial para pensar filosofia da diferença), para isso, se enfatiza o devir-nômade, e como o modo de vida nômade e esse devir que carrega não é inserido no mesmo plano conceitual do que o conceito de migrante. Sendo o nômade aquele envolvido com o processo do desterritorializar e reterritorializar, não concebendo o ponto de parada enquanto ponto, mas ainda enquanto linha de um caminho que não cessa. No devir-nômade não há parada, por isso, devir (CARDOSO, 2011).

A definição de território e de espaço também carecem de ênfase teórica esquizoanalítica para sustentar o entendimento sobre processo de subjetivação. Cabe pensar em primeiro momento que tanto o território quanto o espaço são conceitos construídos, cabem nos âmbitos físicos e “metafísicos” (enquanto adaptação didática do termo). Mas o que os difere é que território carrega em sua potência conceitual a possibilidade de uma criação coletiva, não naturalmente instituída como o espaço, que é em contrapartida uma definição funcional para o estabelecimento do dinamismo social, mas não contempla os laços afetivos que constroem e consolidam o conceito de território (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nos campos de análise em psicologia encontram-se múltiplas maneiras de observar determinado evento, as chamadas abordagens ou teorias filosóficas, com isso, busca-se elaborar uma maneira outra de enunciar os acontecimentos de idas e vindas, parte-se de uma análise esquizoanalítica, ou seja, baseada nas formulações de Deleuze e Guattari (1927) uma análise que promove subversões, para além de reduções edípicas determinantes, transgressora das incongruências socialmente construídas, crítica dos discursos que esvaziam o desejo, questionadora dos padrões normativos de condução e modelagem das formas de se relacionar, uma análise dos afetos, dos desvios e dos desviantes. A maneira que a análise deleuzeana, ou seja, essa análise-esquizo dos funcionamentos e processos sociais se afirma é na leitura das máquinas sociais, do emparelhamento maquínico do desejo. A ênfase esquizo se estabelece mais fielmente no pensar em como se dão os processos ao invés de refletir sobre sua definição, categoria e/ou nomenclatura, não se coloca em pódio qual título de sua substância. Definir o que é um processo não nos motiva tanto quanto pensar como esse funciona e como se estabelecem suas relações, pensar funcionamento pode ser considerado uma proposta mais interessante do que discutir títulos identitários (HUR, 2018).

Uma esquizoanálise pode (enquanto potência, não enquanto poder) em sua afirmação mais sensível, contravir diante o avanço de ímpetos sociais reativos e que despotencializam a vida, é imediatamente prática, é uma análise micropolítica, móvel e atuante. Efetuação de uma ética, logo, imediatamente política (DELEUZE; GUATTARI, 1996)

Dessas concepções esquizo postuladas, é possível pensar inicialmente os movimentos de territorialização e desterritorialização na temática migratória. Contudo, é importante considerar de antemão o que se tem enquanto o local de destino ou o local de partida do sujeito, ou seja, a compreensão do conceito de território nessa estrutura filosófica que se exprime nos

estudos em esquizoanálise, conceito esse que é diferente daquilo proposto por teóricos do espaço geográfico, do físico e do palpável. Para Deleuze e Guattari (1997), o território não é compreendido enquanto o espaço que reúne indivíduos, mas são os indivíduos que produzem esse espaço. Território enquanto produção coletiva. Para Guattari e Rolnik:

O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (GUATTARI; RONILK, 2010).

A partir dessa nova conceituação do que representa o território é possível partir então para o que representa a desterritorialização e a reterritorialização nesse cenário. As compreensões desses movimentos não são limitadas ao seu significado literal de sair e retornar, são conceitos que possuem outros agenciamentos, um para além linguístico. De acordo com Haesbaert e Bruce:

Simplificadamente podemos afirmar que a desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território, “é a operação da linha de fuga” e a reterritorialização é o movimento de construção do território... Se há um movimento de desterritorialização, teremos também um movimento de reterritorialização. (HAESBAERT; BRUCE, 2009).

Dessa forma, a possibilidade de deixar o território é uma expressão do abandono daquilo que se tem para a produção e ocupação de um espaço novo, o termo abandonar nesse sentido não representa deixar algo em posição de desamparo, mas deixar o território simplesmente. Sair, escapar, abandonar, fugir, evadir ou deixar os espaços não é mais uma expressão do simples abandono daquilo que antes era familiarizado pelo migrante, mas é também uma abertura rumo a uma nova maneira de se afirmar, de se produzir enquanto sujeito desejante. Com essa brecha encontrada e expressa pelas “linhas de fuga” os indivíduos que desterritorializam já implicam em uma reterritorialização, como se todo lançamento ao espaço e “desenraizamento” já representasse o próprio conceito de reterritorializar. Sair implica entrar (e depois sair, e depois entrar, e sempre devir), não se compreende a busca pelo espaço como um limbo, mas como o início desse processo de reterritorialização. Nesse sentido observa-se uma proximidade com o conceito de nomadizar, de devir-nômade. Dentro dessa temática, o professor Hélio Rebello Cardoso Júnior (2011) sintetiza esses movimentos, descreve sobre esse devir:

O mais relevante é a maneira pela qual os nômades constroem seus territórios, antes de qualquer coisa, no sentido do espaço geográfico. Nos trajetos nômades, há pontos, mas estes não são pontos de partida nem de chegada, eles estão submetidos ao próprio trajeto. Ao contrário dos trajetos sedentários, cujo objetivo é “distribuir os homens em

um espaço fechado”, o trajeto nômade “distribui os homens (ou os animais) em um espaço aberto. (CARDOSO-JR, 2011).

Dessa maneira, é válido traçar uma relação com os processos migratórios, os conceitos de nomadismo e migração muitas vezes são concebidos enquanto acontecimentos pertencentes a mesma estrutura, pois existem nesses dois conceitos a ideia de saída e de entrada, mas essas duas configurações não são similares quando analisamos o processo de subjetivação e como isso funciona a nível molecular. Migrar e nomadizar são acontecimentos que carregam um abismo diferencial. O acontecimento migratório corresponde a partida de um local para outro, podendo o destino ser questionável, incerto ou impensado, enquanto isso, o conceito de movimento nômade vai para além do movimento migratório, compreende carência (no sentido de um deslocamento por necessidades de inúmeras ordens), não implica em permanência, não há término ou possibilidade de sedentarismo (no sentido esquizoanalítico, ou seja, enquanto sinônimo de imobilidade, fixação e rigidez) porque o nômade não para de circular, é envolvido pelo que se constrói na travessia, não há ponto de parada, pois esse é o próprio percurso. (DELEUZE; GUATTARI, 1997)

O devir-nômade, todavia, pode emergir até mesmo naqueles migrantes que aparentam estar em momento de estagnação, no ponto de parada, mas essa percepção de imobilidade se dá puramente no plano visual, e por efeito seus processos de subjetivação encontram-se constantemente desterritorializando e reterritorializando, está no entre um ponto e outro. O conceito de devir em uma filosofia da diferença e em esquizoanálise é como um processo de construção e descamação concomitante, é tornar-se sem deixar de ser. Adultos no devir-criança, homens no devir-mulher, migrantes no devir-nômade. Observa-se nas implicações de Deleuze e Guattari (1997) sobre os devires que:

Devir não é imitar algo ou alguém, identificar-se com ele. Tampouco é proporcionar relações formais. Nenhuma dessas duas figuras de analogia convém ao devir, nem a imitação de um sujeito, nem a proporcionalidade de uma forma. Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo. (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

Outra exposição complementar na temática dos devires é considerar que todo esse processo é minoritário, porque só a minoria compreende a resistência enquanto vital. Essa concepção de maioria e minoria dentro da estrutura filosófica elaborada por Deleuze e Guattari não é representada de maneira numérica e quantitativa, e sim descrita enquanto os acontecimentos de

subordinação que esses grupos estão inseridos. São esses os oprimidos, submissos e subservientes conscientes, críticos e subversores que são atravessados pelas intensidades, são os reconhedores e disseminadores de afeto que não necessitam de ouvir discursos para saber que a vida se afirma em relações de forças e se configura em relações de poder. Tem-se vida por que forças ativas e reativas de relacionam (DELEUZE, 2014), são os receptores de identidade classificados pelos campos molares que estão inseridos. O devir minoritário é invariavelmente uma ação ética. Quando questionado sobre as dinâmicas minoritárias e o que representa ser de esquerda nesse cenário, Deleuze (1996) reafirma em entrevista:

O homem macho, adulto não tem devir. Pode devir mulher e vira minoria. A esquerda é o conjunto dos processos de devir minoritário. Eu afirmo: a maioria é ninguém e a minoria é todo mundo. Ser de esquerda é isso: saber que a minoria é todo mundo e que é aí que acontece o fenômeno do devir. (DELEUZE, 1996).

Nesse momento cabe realizar uma análise crítica do fenômeno vir-de-fora, que é: aquele que migra nem sempre é minoria, é possível ser migrante sem sê-lo por devir. Certos corpos expressam supremacia, vinculam-se com as relações de poder enquanto corpos dominantes, dessa forma cabe pensar de maneira figurativa quais reações sociais esperadas em dois cenários, sendo o primeiro a imigração de um homem-branco-cis-hetero-europeu-normativo e em segundo cenário pode-se colocar quaisquer indivíduos categorizados em um espaço minoritário como por exemplo os imigrantes africanos, asiáticos e latinos de baixa renda. Por inferência, o processo de subjetivação desses dois grupos não se expressa da mesma forma, os agenciamentos maquínicos são pertencentes a outras ordens do desejo. O imigrante padrão é visita, o imigrante que devia desse padrão é marginal.

Pensar nesse cenário de rótulos, forças, privilégios e poder remete a um conceito formulado por Guattari e Rolnik (1986) que é a definição de “carimbos existenciais”, carimbos que prendem o sujeito a seu respectivo campo, estimulando assim as diferenciações por títulos identitários, o enclausuramento no título se torna hábito, já não é mais tão fácil o desvencilhar da incidência da identidade no social, a categorização do sujeito foi internalizada e emendada nos campos sociais. É parte dos agenciamentos cotidianos e cabe ao exercício micropolítico a possibilidade de desconstrução dessas práticas instituídas. Suscitar devires é uma forma interessante de iniciar esse processo.

Esse processo de subjetivação então se constitui à medida que existem os agenciamentos de enunciação, aqui, utiliza-se processo de subjetivação ao invés de subjetividade, visto que subjetivação é compreendida enquanto processo e não material dado ou estável, a subjetivação como a arte de criação de si, criação que ultrapassa o poder, subjetivação enquanto dobras

(DELEUZE, 1953). Esses processos de subjetivação vão para além das conexões estabelecidas por indivíduos ou coletivos, porque entende-se que subjetivar acompanha uma construção maquínica extrapessoal, ou seja, que tem relação com os grandes funcionamentos das redes de sistema como a tecnologia, economia e macropolítica, e acompanha também uma construção intrapessoal como a elaboração das imagens, percepções e afetos. Subjetivar é como produzir um acoplamento dessas máquinas extra e intrapessoais (GUATTARI; ROLNIK, 1986).

Retoma-se então a noção de que o processo de subjetivação não se manifesta igualmente, corpos que não tem conexões possíveis com o âmbito econômico, tecnológico e político já não se subjetivam da mesma maneira. Aquilo que considerei como o imigrante-marginal padece da possibilidade de uma experimentação completa do que as máquinas extrapessoais podem proporcionar, a esses marginais o processo de subjetivação encontra seus empecilhos, as diferenças sociais reafirmadas e aprofundadas por representantes da tirania e reprodutores da reatividade limitam o potencial de afirmação desses sujeitos-marginais. De tudo é feito para que os desviantes minoritários sigam com a rigidez de uma subjetividade instituída, não construam ativamente (e afetivamente) seus processos de subjetivação. O filósofo espanhol, Paul Preciado anuncia isso enquanto sua posição de sujeito desviante: “[...] aquilo que chamamos de subjetividade não é nada mais que a cicatriz deixada pelo corte na multiplicidade do que poderíamos ter sido [...]” (PRECIADO, 2019).

Deleuze e Guattari (1992) ao escreverem sobre as comunidades e criações de territórios relacionam o comportamento animal com os processos migratórios, discorrem que dentro dos estudos em etologia é compreensível que a percepção territorial animal se forme de maneira distinta, percebem que o espaço em si tem carrega um significado intenso nas atividades animais, porém esse significado está mais voltado para questões de sobrevivência do que ao afeto propriamente dito. Como foi relatado, o conceito de território não se fecha nesse espaço físico que ocupam os corpos, e o que os autores acrescentam na discussão é a afirmativa que dentro das comunidades animais o conceito de família é “território móvel”, a coletividade é o próprio território, esse se produz à medida que se tem o envolvimento, os laços. Partindo dessa perspectiva pensa-se o quanto de um apego ao território é na verdade expressão de comunidade e afetos construídos coletivamente.

3 DISCUSSÃO

Nessa perspectiva o que é notável na produção de subjetividade do migrante não é sua conexão com um chamado espaço de origem, mas sua conexão com os elementos e as estruturas

que constituíam esse espaço de origem, sejam pessoas, construções, aromas, gostos. Todo cenário que um dia foi íntimo ao sujeito. Dessas considerações cabe pensar o que representa deixar tudo que um dia foi conhecido, para além de tentar classificar esses acontecimentos enquanto positividade ou negatividade, o que é palpável nessas discussões é compreender que o “desenraizamento” é brecha. É necessário desenraizar para rizomatizar. A possibilidade de suspender as experiências internalizadas até o momento de uma partida, até a deixada de um espaço, é uma abertura para o que há-devir, para a criação de novos territórios, para a possibilidade de estabelecer novos contatos com o mundo e experienciar outras maneiras de afetar e ser afetado.

Outro ponto para se pensar é quando a conexão do migrante com sua rede de afeto é de alguma maneira rompida, isso vale para todos os tipos de rupturas territoriais afetivas, quando Deleuze e Guattari (1992) trazem a ideia da família enquanto território móvel por exemplo, a perda desse território-família não é como a perda do espaço. O corte dessa conexão afetiva não é reduzido a falta do físico, da pátria ou nação, esses conceitos são rígidos e construídos sem redes de considerações afetivas, a concepção do espaço como foi mostrada, é uma invenção para orientações de controle, para a produção de regimentos e normas.

Dessa forma, é inevitável considerar todos os mecanismos de poder que atravessam as relações, assim como os discursos instituídos. A esquizoanálise procura lançar diferentes perspectivas conceituais sobre os acontecimentos, é uma proposta de um caminhar diferente pela atuação em psicologia. Aqui, desejo não é faltoso ou eternamente melancólico, o inconsciente não é submetido a fatores deterministas de cunho edípico, mas elaborado enquanto a possibilidade de agenciamentos, a subjetividade rígida não cabe, utiliza-se processo de subjetivação. A síntese de uma ação esquizoanalítica, pode ser bem relacionada com a prática micropolítica, Deleuze (1992) traz “jamais interprete, experimente”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diversidade e complexidade teórica existente nos campos que podem ser articulados com psicologia não param de se atualizar, conhecer diferentes modos de análise garantem a possibilidade de uma formação (e transformação) em psicologia cada vez mais potente. A esquizoanálise é essa caixa de ferramentas não tão antiga, dos percursos do maio de 68 francês até as academias brasileiras essa maneira de experienciar os acontecimentos é completamente distinta de muito que já havia sido formulado, mesmo considerando que essa análise tem como base muitas adições e incorporações, recorre a conceitos e termos dos campos das linguagens e

das ciências, pensa a filosofia da diferença na relação com o plano que foi constituída, muitas vezes é associada aos chamados de pós estruturalistas, mas ela tem seu campo produtivo próprio, coletivo. As construções esquizoanalíticas contam com os singulares e não individuais. Ou seja, singulariza, ao invés de individualizar. A possibilidade de enlaces, bons encontros e experimentações prudentes percorrem esses fluxos, sustentam as posturas questionadoras das instituições normativas, se rebelam e agem. A clínica em esquizoanálise por exemplo se lança as experimentações. Não interpreta.

É a análise dos desviantes, marginais e das minorias, a clínica dos devires. Completamente política, não tem como ser de outra ordem que não a política, pois compreende tudo em relação, todos os delírios são sociais porque a vida é conjunto. O próprio movimento de migração em si, pensar em como determinados corpos são carimbados e amarrados aos títulos identitários, relacionar seus efeitos com discursos de extermínio e outras expressões de uma necropolítica. Com isso, elaborar e produzir sobre a forma que se estabelecem os processos de subjetivação a partir de uma análise que vai para além de identidades e determinismos familistas é uma proposta para clínica e para vida, visto que, a filosofia da diferença é uma filosofia prática.

Com relação a composição do trabalho, os materiais utilizados para essa produção são algumas obras em destaque nesse campo de estudos que ainda está se construindo e reconstruindo. A esquizoanálise também cria raízes teóricas muito fortes com estudiosos da América Latina, e o Brasil é um destaque nessas pesquisas e criações. As considerações Deleuze-Guattarinianas aqui funcionam como uma base, um recorte passível de criações e modelagens. Brechas para pensamento e criação.

REFERÊNCIAS

CARDOSO-JÚNIOR, R. H. **O conceito de região e problemas filosóficos: significado epistemológico da história regional e a constituição histórica do espaço liso e do espaço estriado**. Revista Tempo, Espaço e Linguagem (on line), 2(3):7-21, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/126913>. Acesso em: 1 de nov. 2021.

DELEUZE, G. **L'abécédaire de Gilles Deleuze** [entrevista concedida a] Claire Parnet. Revista Sub Til Productions. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S1NYVnCUvVg&list=PLiR8NqajHNPbaX2rBoA2z6IPGpU0IPIS2>. Data de acesso: 01 de nov. 2021.

DELEUZE, G. **Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume** (1953), 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2012.

- DELEUZE, G. **El poder: curso sobre Foucault (1986)**. 1ª ed. Buenos Aires: Cactus, 2014. t.2.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia, vol 5**. 1. ed. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 4**. 1. ed. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 3**. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- GUATTARI, F.; RONILK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- HAESBAERT, R. e GLAUCO, B. **A Desterritorialização na Obra de Deleuze e Guattari**. GEOgraphia, 4(7): 7-22, 2009.
- HUR, D. U. **Deleuze e a constituição do diagrama de controle**. Fractal: Revista de Psicologia [online]. 30(2):173-179, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v30i2/5507>. Acesso em: 1 de nov. 2021.
- PRECIADO, P. B. **Um apartamento em Urano: crônicas da travessia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.